

Perdendo pelo mínimo

NÃO NOS bastasse o título amargo de campeões da dívida externa, o Brasil ainda se permite conquistar outro troféu mundial de inadimplência. Este obteve no foro das organizações econômicas multilaterais sediadas na Grã-Bretanha, onde temos a defender posições de produção e de preços da maior relevância, como nos casos do café, do cacau e do açúcar.

PRESTÍGIO e influência nos organismos envolvidos — perdemos até o direito de voto —, interesses da nossa estratégia de comércio exterior, a credibilidade do País, a imagem do Governo Collor lá fora, o próprio encaminhamento da renegociação da dívida externa, tudo isso está sendo comprometido por uma conta de débito cujo montante não vai além de US\$ 1.300 mil.

COMO justificar o atraso no pagamento de US\$ 280 mil à Organização Internacional do Café, referentes às contribuições de 1990 e 1991, quando essa importância nada representa diante do proeminente papel que ali nos cabe como principal país produtor? Na Organização Mundial do Açúcar a dívida é de US\$ 265.000, na do Cacau, de US\$ 470.000, e também nessas duas entidades o calote nos custa o afastamento de negociações e decisões que afetam produtos significativos da nossa economia exportadora.

O COMÉRCIO exterior do País movimentou US\$ 51 bilhões,

no ano passado. E é por uma fatura de pouco mais de um milhão de dólares que nos dispomos a criar para o Brasil e seu atual Governo transtornos e constrangimentos absolutamente incompressíveis e inaceitáveis. Nossos delegados nos oito organismos internacionais já não sabem como reagir às vexatórias pressões da cobrança, e tampouco se sentem moralmente autorizados a apresentar, na rotina das reuniões, qualquer proposta que implique aumento de despesas para a instituição. Aos membros inadimplentes é negado, inclusive, o acesso a certos documentos internos, além de outras sanções.

É O CASO de perguntar se nos encontramos em face de uma demonstração de incompetência ou de inapetência da burocracia brasileira incumbida de tratar de tais matérias. Diante do extremo absurdo que significaria a alegação de falta de recursos, só nos resta levantar hipóteses referentes a razões de muito menor ou quase nenhuma objetividade. O desleixo dos tecnoburocratas diretamente responsáveis nos pode oferecer outra pista. De qualquer forma, uma explicação que passa por cima de qualquer idéia de proporção entre as dimensões do interesse nacional considerado e as do custo material do seu atendimento.

A SUSPENSÃO do direito de voto nas instituições caloteadas não foi suficiente para sensibilizar o nosso ânimo pagador. Será necessário, ainda, que se

acrescentem novos constrangimentos e devamos chegar aos limites da ameaça de exclusão como membros relapsos?

PRECISAMENTE porque sujeitos constantemente às pressões baixistas do mercado internacional, produtos agrícolas primários como o café, o cacau e o açúcar necessitam do controle e do suporte de entidades multilaterais constituídas por produtores e consumidores. Sem elas, ou com elas praticamente desativadas, os termos da oferta e da procura ficam inteiramente entregues aos azares dos ciclos de superprodução e da concorrência predatória.

SE AS exportações brasileiras deixaram de ser dominadas pelos itens agrícolas, nem por isso esses produtos ficaram marginalizados na pauta do nosso comércio exterior. Cumpre-nos, portanto, zelar pelos acordos internacionais que procuram a estabilidade do mercado na área.

CONSIDERE-SE, de resto, que o sucesso recém-alcançado nas negociações dos juros atrasados da dívida externa não encerra os nossos esforços e compromissos de credibilidade externa. Resta uma longa caminhada em direção ao acerto global da dívida. Será uma trágica perda de tempo e de oportunidades se permitirmos a obstrução desse caminho por pedras tão pequenas como as inadimplências produzidas por simples atitudes de descaso e irresponsabilidade.